

/ PALAVRA DO LEITOR

Porto de Rio Grande

O Porto de Rio Grande teve uma movimentação de carga que totalizou 9,6 milhões de toneladas nos três primeiros meses de 2025, incluindo o fluxo no terminal público e nos terminais privados do município. O montante representa o melhor primeiro trimestre desde 2015 (Caderno JC Logística, 13/05/2025). Tenho visão do Canal da Barra do meu apartamento e - desde 2011, quando passei a morar aqui - nunca vi tanta movimentação de navios. (Itamar de Sá Britto Jr)



Porto de Rio Grande II

Mas aonde que tiraram isso? “Puxo direto” Rio Grande descedendo com soja e não se vê caminhão, quase na verdade. Em 5 anos nunca vi tão pouco rodando para lá. (Rodrigo Brill)

Litoral

O Litoral Norte virou destino permanente, aquecendo a economia de cidades costeiras no Rio Grande do Sul (Caderno Empresas & Negócios, 12/05/2025). Na época da pandemia, com o crescimento do trabalho on line, já havia crescido a permanência de quem era anteriormente veranista nas praias do RS. Com o advento da enchente isto aumentou mais ainda. Muitas pessoas atingidas optaram por residir no litoral. (Eliane Mary Fraga Morales)

Litoral II

Muitas praias no litoral ainda estão abandonadas, dado ao péssimo serviço Legislativo e do Executivo que procuram manter influência política e econômica, pois sabem que se houver infraestrutura, mais moradores irão se instalar e a “concorrência” aumenta. (Leo Josi)

Concurso

O Tribunal de Justiça (TJ-RS) suspendeu o concurso público destinado ao ingresso no Curso Superior de Polícia Militar do Rio Grande do Sul (JC, 13/05/2025). E continua o enfraquecimento da segurança no Brasil. (Júlio César Aguiar)

Faixa para motos

Porto Alegre deve ganhar uma faixa exclusiva para motos neste ano (JC, 07/05/2025). Vai ser lindo quando as pessoas entenderem que o que atrapalha o funcionamento do trânsito não são as ciclovias (que possibilitam um deslocamento limpo, fluido e eficiente para uma pessoa, não é só sobre “passeio”), nem as faixas exclusivas para ônibus (que levam pelo menos 30 pessoas por vez), e provavelmente também não serão as faixas exclusivas para motos (veículos menores e mais rápidos). O problema é a quantidade imensa de carros circulando, na maioria das vezes com uma pessoa dentro, ocupando um espaço imenso na via, não respeitando regras de trânsito e estacionando em tudo que é canto, reduzindo ainda mais o espaço de circulação. (Bibiana Matte)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

/ ARTIGOS

O desafio da mão de obra

Susana Kakuta

O Rio Grande do Sul enfrenta uma crise sem precedentes na disponibilidade de mão de obra qualificada, impactando a produção e os investimentos industriais. Segundo pesquisa da Fiergs, 32% dos industriais apontam a falta de trabalhadores como principal obstáculo à produção, e 48% como barreira para novos investimentos. O problema vai além de um desequilíbrio pontual: é resultado de fatores estruturais, demográficos e conjunturais que exigem ação imediata. Mesmo com salários mais atrativos, ajustados acima da inflação, as indústrias enfrentam dificuldades para preencher vagas. O desemprego está em 5,2% (2024), o mais baixo em anos, enquanto o Estado perde população - 700 mil habitantes entre 2000 e 2022, com projeção de pico populacional já em 2026. A migração e o envelhecimento da população também reduzem a força de trabalho ativa. As enchentes de 2024 agravaram a situação, deslocando famílias e afetando cadeias produtivas. Além disso, programas de transferência de renda competem com o mercado formal, reduzindo a atratividade de vagas de baixa qualificação. A alta rotatividade e demissões voluntárias refletem a disputa por profissionais qualificados.

O Sistema Fiergs atua na qualificação profissional, conectando empresas e talentos. No ano passado, o Sesi e o Senai registraram 154 mil alunos matriculados no Rio Grande do Sul, com a previsão de novos investimentos em suas unidades. Também estamos propondo programas inéditos como o Indústria Acolhedora, de integração de imigrantes, em parceria com a ONU; Soldado Cidadão, que objetiva capacitar 10 mil jovens; convênio com o Governo Federal para qualificação de jovens e adultos; e a parceria com a Secretaria de Educação com a presença nas trilhas de aprendizagem no ensino médio público estadual. Assim, o Sistema Fiergs, na gestão do presidente Claudio Bier, contribui ativamente para resolver esse desafio que tem repercussões negativas no desenvolvimento econômico e social do Estado atingindo toda a comunidade gaúcha.

A alta rotatividade e demissões voluntárias refletem a disputa por profissionais qualificados

Diretora Regional do Sesi/Senai/Iel

O sotaque como medida de pertencimento

Bianca Persici Toniolo

Na semana passada, enquanto as redes sociais no Brasil se agitavam com a repercussão do megashow de Lady Gaga em Copacabana, eu seguia em mais um início de semana comum em Portugal. No rádio do carro, tocava Die With a Smile, uma colaboração entre Lady Gaga e Bruno Mars. Sorri. A melodia era contagiante, mas o que me pegou foi a ironia: dois ícones pop dos EUA, país moldado por imigrantes. Lady Gaga, ou Stefani Germanotta, é descendente de italianos, como eu. Bruno Mars tem raízes em Porto Rico e nas Filipinas. Ambos expressam a diversidade da América. Até o novo Papa, Leão XIV, Robert Francis Prevost, tem origens multiculturais. A América, seja qual for o ponto cardeal, é marcada por migrações. É nesse lugar simbólico que minha própria história começa a pulsar. Imigrei para Portugal em 2017. Deixei Porto Alegre em busca de conhecimento e segurança. Fiz mestrado, doutorado, e hoje sou professora, investigadora, mãe de uma adolescente e uma mulher de 45 anos tentando construir pertencimento. Tenho pele branca, passaporte italiano, moro

na Europa. Mas bastam duas palavras e meu sotaque me entrega: sou brasileira. A língua portuguesa é passaporte e fronteira. Ao falar, deixo de ser “europeia” e viro “brasileira”, termo que em certos contextos carrega surpresa ou desconfiança. Já ouvi mais de uma vez: “Como você conseguiu essa posição?” As vezes soa como curiosidade; noutras, como dúvida disfarçada, insinuando que não pertencço àquele espaço. Isso diz muito sobre quem somos e como vemos os outros. Quem pertence? O que é estar integrado? Essas perguntas não têm respostas fáceis. Mas exigem escuta, revisão de hábitos, abertura. Mas eu estou aqui. Assim como os artistas que citei no início desta crônica levam para o mundo a marca cultural dos Estados Unidos, eu também carrego comigo, para onde vou, um pouco da ciência feita em Portugal. Ensino, investigo, publico, debato. Esta crônica não pretende oferecer soluções, muito menos erguer muros entre pessoas de diferentes origens. Pelo contrário. É uma tentativa de dizer que quem chega de fora não é ameaça, nem exceção. É uma vida que se entrelaça com outras, construindo laços, contribuindo com o que tem, aprendendo com o que encontra. É parte do tecido social, mesmo quando nem todos estão dispostos a enxergar. Doutora em Ciências da Comunicação e professora na Universidade da Beira Interior e na Universidade de Coimbra